



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Luciana de Barros Ataíde

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

lbataide@gmail.com

Tornar-se Outros Escritos: Clarice Lispector além da relação ser-homem e ser-mulher

*RESUMO: Partindo do aporte fenomenológico-hermenêutico é possível compreender que a literatura de Clarice Lispector não se trata apenas da arte da palavra e do silêncio, mas uma forma de conhecimento que desvela o ser numa nudez sem conceitos. Assim, esse estudo primará pela análise de dois contos que compõem a obra *Laços de família* (1998), a saber, “Amor” e “A imitação da rosa” e dos quatro contos inéditos que compõem a coletânea da obra *Outros escritos* (2005) com objetivo de apresentar, nesses textos, a representação de uma identidade de mulher que converge para o plano da identidade do ser humano. Isso porque, muito além de traçar um panorama acerca do papel da mulher na sociedade, essas produções da escritora apresentam temas como existência e liberdade, linguagem e realidade, o eu e o mundo por meio de um mapa das sensações que revelam ondas sutis e imperceptíveis a uma racionalização acostuada com a organização dos papéis que os seres precisam desenvolver socialmente. Dessa forma, estudiosos como Martin Heidegger e Simone de Beauvoir serão indispensáveis ao estudo proposto, já que os aspectos acerca da insatisfação e da incompletude dos seres se fazem presentes.*

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Existência. Tornar-se.

MANIFESTAÇÕES INICIAIS



Diferentemente do homem, a mulher teve (e ainda tem) de enfrentar uma sociedade organizada pelo sistema patriarcal para mostrar sua identidade e afirmar sua individualidade que sempre esteve muito além das paredes do ambiente doméstico. Ao produzir narrativas que abordaram a temática da condição feminina na sociedade, Clarice Lispector mostrou que assim como para o homem, para a mulher é também possível e necessário escolher o seu caminho, trilhar suas veredas e viver sua travessia. Então, ao contrapor a organização biológica de sociedade, de que o homem é o chefe da família e a mulher a submissa responsável pelos afazeres domésticos, por meio do questionamento dos padrões sociais, a escritora expõe um novo universo de possibilidades femininas, desconstruindo uma organização social que impõe uma opressão à mulher operada no interior das relações assimétricas de gêneros e nas configurações de ser homem e ser mulher. Ao mesmo tempo em que desnuda as relações de gêneros, Clarice salta além desses arrolamentos aparentes para tocar diretamente no manifestar humano direcionado a si mesmo.

Na obra *O segundo sexo: a experiência vivida* (1980) Simone de Beauvoir diz que "ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta" (p. 18). Isso significa que a condição de ser inferior a que a mulher foi delegada é uma condição imposta e não natural, ou seja, o ser só se torna inferior à medida que o outro o mantém assim. Esse pensamento apresentado pela pensadora é o de que, do mesmo modo que não se nasce homem, torna-se homem; com a mulher ocorre o mesmo: não se nasce mulher, torna-se. Esse pensamento do *tornar-se* é o que caracteriza a existência humana em possibilidades; é o que permite ao ser a definição de si mesmo; o autoconhecimento; o apropriar-se. Tais aspectos não são possibilitados apenas ao homem, mas também à mulher, pois trata-se da condição humana e não da condição de gênero. Assim, o que se busca com este estudo não é apresentar a identidade da mulher na sua relação com a identidade do homem, mas apresentar o mulher enquanto um poder-ser que

busca o que lhe é próprio, constituindo o tornar-se que, dialeticamente, corresponde a todas as possibilidades



enquanto compreensão do humano do homem. É claro que não passa incólume os reflexos de uma sociedade patriarcal, mas o que se pretende é ir além desse jogo organizacional.

Tais aspectos são possibilitados na poética de Clarice Lispector porque ela mostra personagens que ultrapassam a concepção mecanicista da realidade externa a fim de estabelecer uma relação com os seres circundantes. Nessa relação, a consciência individual, quando calcada nas experiências do mundo interior, pensa a relação eu-mundo exterior como um processo holístico. Trata-se, pois, de experiências transpessoais que vão além dos limites do sujeito individual. Isso é o que pode ser encontrado nos quatro contos que compõe a obra *Outros escritos* de Clarice cuja primeira publicação foi em 2005. "O triunfo", "Eu e Jimmy", "Cartas a Hermengardo" e "Trecho" são narrativas escritas na década de 1940, publicadas, separadamente, em periódicos na época, permeadas por um tom intimista, confessional e subjetivo. Em todas as quatro narrativas é possível notar a construção de personagens femininas que anseiam por liberdade e autonomia, em um mundo criado por e para os homens, ignorando a individualidade que marca a existência humana.

Mas antes de adentrar no universo de *Outros escritos*, vamos ver o terreno do humano do homem preparado por duas narrativas que se fazem presente na coletânea de *Laços de família* (1998): "Amor" e "A imitação da rosa". Estas são duas narrativas que apresentam as personagens Ana e Laura envoltas em um universo no qual se veem existindo em função do outro, delegando, a elas mesmas, o sufocamento dos próprios desejos.

SER-HOMEM, SER-MULHER: PREPARANDO O TERRENO

As obras de Clarice Lispector foram e continuam sendo alvo de diversos estudos e uma das linhas que mais chamam a atenção em suas obras é a relação dos gêneros, uma vez que a autora apresenta, pelo ato ficcional, o ser feminino na contemporaneidade mediante os ditames sociais da condição sexual de 'ser-mulher'. No âmbito da cultura, a relação entre mulher/feminino não passa de representações sociais que moldam educacionalmente o comportamento da fêmea humana, uma vez que o papel social desempenhado é ver

o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida. (LISPECTOR, 1998, p. 12)



Veja-se com isso que a corrente de vida funcionava em consonância ao que é prescrito pelo patriarcado, já que a função de cuidar da casa, dos filhos, do cônjuge são atribuições 'naturalmente' femininas. Isso porque o funcionamento social dita não apenas a função da mulher no seio familiar, mas também determina que "a paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais. Enquanto isso ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres..." (LISPECTOR, 1998, p. 22). Mais uma vez o prescrito patriarcado se faz presente ao determinar que compreender os fatos sociais é uma ocupação dada aos homens, já que eles conversam sobre 'o que saía nos jornais'. Por outro lado, há coisas com as quais as mulheres devem se ocupar. Nesse excerto está em questão a personagem Laura que, para enquadrar-se socialmente, precisa montar um jeito mecânico de viver que é esperar o marido em casa e acompanhá-lo em encontro com os amigos, deixando-o livre para ter conversas de homens enquanto ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres. Assim, enquanto Ana vive o "Amor" da domesticização; Laura peregrina na "Imitação da rosa" para salvar a si mesmo. Isso mostra que há uma coisificação sofrida pelas mulheres que expõe a perda da identidade ocasionada por danos do convívio social e tencionada pelos embates sócio-existenciais construídos na relação entre homem mulher.

Esses dois fragmentos são suficientes para se pensar a vida do ser esvaziada de sua função primordial que é o cuidado consigo mesmo, agindo apenas em favor dos outros, pois além de cuidar da casa, filhos e marido, é preciso dar paz a esse marido para que ele possa interagir com outro de sua espécie que compreende o que uma mulher não pode compreender que é a

lógica do funcionamento social conforme mostrado nos jornais. Esse lugar ocupado pelo homem e pela mulher com



funções completamente distintas é fruto de uma prática incutida em muitas mulheres que é cuidar e servir aos outros, nada exigindo para si mesmas.

No entanto, não se pode negar que todo e qualquer mover-se do ser-no-mundo se dá já numa compreensão de ser, ou seja, os fundamentos estão presentes em tudo, desde sempre e já antes de que qualquer experiência empírica ou reflexiva seja feita. Doutro modo, "o fato de vivermos numa compreensão do ser e o sentido do ser estar, ao mesmo tempo, em obscuridade demonstra a necessidade de princípio de se repetir a questão sobre o sentido do ser" (HEIDEGGER, 1999, p. 29). Com isso, Heidegger afirma que buscar a compreensão originária sobre o ser prova a incompreensão que se tem sobre esse ser, caso contrário não seria necessário buscá-lo.

Então, o espelhamento dos desvãos existenciais do humano se coloca diante de Ana por meio da figura de um cego mascando chicletes e a personagem foi tomada por um "vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava" (LISPECTOR, 1998, p. 17) e foi assim que "com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo" (Idem, p. 18).

Essa descoberta da personagem Ana vai muito além das relações de gêneros que compõem a sociedade. Ela é fruto das inquietações humanas acerca do próprio existir. A razão, ciência, progresso, técnica, pátria, etc, tornam-se obsoletos quando se põe a nu a condição humana. Nesse momento em que nada corresponde aos apelos do homem frente à angústia da própria existência, ele precisa reconhecer-se como um ser-aí, ou seja, como um ser-no-mundo que se liga a estar no mundo de forma a permanecer nele, fazer, realizar, contemplar, questionar, ou seja, agir. Isso porque os eternos problemas do humano renascem no momento em que, ao lançar-se na inadimplência do seu ser, sem amenizar a dor do existir e do saber-se fáctico, ele possibilita um 'reolhar' sobre o 'si' histórico.

Já Laura, ao se deparar com algumas rosas que estavam em sua casa, tem, de impulso inicial o pensamento de levá-las para Carlota, já que ela e o marido iriam até à casa da 'amiga'. Ao mesmo tempo ela recua com o questionamento sobre o porquê de dar essas



rosas que são tão belas. Assim, por um longo momento a personagem vive a dualidade que vigora entre dar as rosas, apenas porque teve um impulso ou não dar as rosas e sair do planejamento de impressão de viver, socialmente, para o outro. Eis a grande questão: entregar-se e mergulhar de vez no mundo interior, naquilo que sou? Ou continuar a jogar esse jogo complexo e cansativo do mundo exterior que até então tinha participado com intuito de única e exclusivamente agradar os outros. Eu ou os Outros? Ou seja, viver para mim ou para os outros?

Assim, sob a ótica feminina e sob a abdicação dos excessos da fala, as duas personagens expostas acima, Ana e Laura, vão optar pela sabedoria do silêncio, entendido como forma de não expressar mentiras viabilizadas pelas palavras quando qualquer um fala, especialmente quando se veem no jogo das convenções sociais acerca dos papéis a serem desempenhados pelo ser-homem e pelo ser-mulher. Então, Ana, "antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR, 1998, p. 20); Laura, sentase "no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira." (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Assim, mesmo após um momento de clareza, as duas personagens retornam à vida cotidiana a qual é regulada por regras, ações pragmáticas, rotinas para que assim a vida seja mais organizada para o mundo exterior, mesmo que do outro lado haja a latência pontuada pelas vontades, desejos, necessidades do corpo, sensações que precisam estar cindidos e forçados a se esconderem no mundo interior.

Tais comportamentos reportam o texto de Clarice ao pensamento de que o homem não é senão o que se faz, faz-se livremente elegendo suas próprias possibilidades, pois a existência não é algo fechado sobre si mesmo. É a própria escritora quem disse que "A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano" (LISPECTOR, 1998, p. 23). Foi ela também quem disse que "Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos" (LISPECTOR, 1999, p. 88). Mediante tais assertivas o que se sabe é que se o ser humano aspira tornar-se humano, quer dizer que ele não é uma



essência já dada e não é uma realização de essência estática. Ele é um tornar-se, é um processo articulado no tempo, é um ser-aí.

E quando ela diz que o ser humano fez uma pergunta sobre si mesmo, ela articula esse pensamento de que o tornar-se humano está ligado a questionar o humano em seu ser. Esse questionar é

o que proporciona, ao homem, o acontecimento-apropriação de si o qual se trata do âmbito dinâmico em que, homem e ser atingem, unidos, sua essência, seu caráter historial.

Ao se aproximar da verdade, Ana começa a perceber que "a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver." (LISPECTOR, 1998, p. 17); Laura, por sua vez, após pensar um pouco em desvencilhar-se do mundo exterior, sentiu "uma ausência que entrava nela como uma claridade." (LISPECTOR, 1998, p. 33-34). Assim, Clarice expõe o acontecimento-apropriação por meio das duas personagens, ao questionar: Ana percebe que vivia de forma moralmente louca porque vivia para os outros; Laura também vivia para os outros, já que seu cotidiano era pautado no mundo exterior, resultando também em uma maneira moralmente louca de existir.

Com isso, ao expor personagens que se reconhecem no aí da própria existência, Clarice Lispector não apenas se situa nessa encruzilhada de pensadores comprometidos com a reflexão sobre o humano, mas é um dos pilares da arte literária quando se pensa a obra de arte enquanto operação da verdade. Nesse aspecto, as relações de gêneros expostas tornam-se secundárias, já que o que entra em jogo, em primeira instância, é a necessidade que o homem tem de encontrar sua essência humana, de apropriar-se de si mesmo, sendo essa uma necessidade não de gênero, mas da espécie humana.

O TORNAR-SE EM *OUTROS ESCRITOS*

Apresentar a condição da mulher na sociedade muito além de sua relação com a condição masculina é pensar a existência humana não na relação de gênero, mas de humano, uma condição da qual todo ser imbuído de racionalidade não pode fugir, pois por ser possibilidade "realiza todas as suas potencialidades no



sentido mais ambíguo e nutritivo de todos, o amor, e legítima todas as suas expectativas, determinando por outro lado parte de seu modo de vida, tendo como elemento nevrálgico algo sabidamente impossível: a liberdade" (TAVARES, 2014, p. 118). O poder-ser proporcionado pela liberdade é o que faz com que os seres saiam da condição de anulação para apresentarem-se rumo ao autoconhecimento, pois todos os seres, quando aprisionados, buscam a liberdade.

Luísa, a protagonista do conto "Triunfo", sempre que se sentia ameaçada sobre a possibilidade de abandono por parte do marido, "suplicara-lhe que ficasse" (LISPECTOR, 2005, p. 12) e todas as chantagens de partida do homem eram motivadas pelos mesmos acontecimentos de acusar a mulher de interromper seus melhores pensamentos "com uma frase tola sobre o tempo, e terminando com um detestável: 'não é querido?'" (idem). Com a partida do esposo, depois de inúmeras ameaças, Luísa sentia-se "como se tivessem extraído de seu corpo toda a sua alma" (p. 13) e com o questionamento que é próprio de quem busca o autoconhecimento: "como viveria agora?", (idem) e era como se tudo estivesse imobilizado. Para aliviar a angústia, busca a presença do esposo em algum cômodo da casa, mas encontra apenas o vazio. Depois de encontrar um texto deixado pelo marido, afirmando, naqueles escritos, ser ela dotada de tanta mediocridade, acorda para sua condição de ser, de poder-ser, para então tornar-se humana, pois quando da presença dele, "só ele existia" (p. 14), após sua partida, "as coisas não estavam de tudo destituídas de encanto" (p. 15). O problema é que "com ele aprendera a torturar as ideias, aprofundando-as nas menores partículas". (Idem).

Semelhante situação é que vive a personagem Flora do conto "Trecho". Sentada em um bar à espera de Cristiano, o pai da filha que tivera e com quem se encontrava esporadicamente, rememora sua infância quando brincava de 'dona de casa' incentivada pela mãe. Ela que estava "com a saia justa demais" (LISPECTOR, 2005, p. 24) vivia a angústia da espera em um lugar em que não era sequer enxergada pelas demais pessoas que ali estavam. O que a separava das demais pessoas é que ela sabia: "sei que existo". (p. 25). Muitos eram os julgamentos que



recebera desde a infância, mas “era outra que ninguém descobrira ainda” (p. 26). Enquanto esperava, tudo rondava seus pensamentos; desde a época em que resolveu “brincar de amante com Cristiano” (idem) até as atuais alertas da vizinhança de que “é frequente o abandono de moças com filhos” (p. 27). Em meio a

tantos pensamentos confusos conclui que “Se eu não procurar me salvar, afogo-me”. (p. 28). O não afogar-se de Flora está associado à tentativa de não se sucumbir a tudo o que povoava seus pensamentos naquele momento de longa espera. E quando, finalmente Cristiano chega, ela sente que não o perdoaria pela humilhação da espera, principalmente devido ao julgamento que recebeu de todos que ali estavam.

Essas duas personagens até aqui apresentadas – Luísa e Flora – remetem a duas questões que são fundamentais para se pensar o humano: destino e liberdade. Segundo Antônio Máximo Ferraz, “destino é o que no homem se destina, o que ele recebe sem ter decidido (...) e ser livre não é fingir que o destino não atua (...) não é negar a vigência do destino, e, sim, escolhê-lo e acolhê-lo, não para copiá-lo (...) mas para, a partir dele, dar o salto para a liberdade” (2014, p.134). Ao tentar compreender como viveria após a partida do marido, Luísa abre-se para a reflexão acerca da compreensão do próprio existir. Flora, ao decidir que não perdoaria Cristiano sente a necessidade de “revoltar-se, lutar” (LISPECTOR, 2005, p. 30). A visualização da liberdade por meio dessas personagens foi possibilitada pelas situações-limite a que foram postas e nas duas situações o que estava em jogo era a consciência. Não a consciência em oposição à inconsciência ou alienação, mas a consciência enquanto modo de se por frente ao objeto de conhecimento, caracterizando um novo tipo de consciência que é aquela que se funde com o objeto a ser conhecido que nesse caso é o próprio ser para-si; o poder-ser.

Nas duas narrativas a solidão é o lugar a partir do qual se pode por em questão o indivíduo e a sociedade e é também onde todas as dobras e perfis da condição humana mostram-se em uma nudez que desmaterializa as realidades construídas. De um lado, Luísa, com um sorriso e um pensamento chega à conclusão de que “ele voltaria, porque ela era mais forte” (LISPECTOR, 2005, P. 18); do outro, Flora



sente que “É preciso que aquela Flora desconhecida de todos, apareça, afinal” (Idem, p. 30). Mesmo apresentando-se como o ser em possibilidade, as duas personagens expõem a penúria do ser-aí mesmo, uma vez que fica a necessidade de fazer com que o ser-aí se torne transparente para si mesmo uma vez mais, a fim de se deixar tocar por qualquer outra coisa que mostre a existencialidade do porvir, pois, enquanto Luísa agarra-se à expectativa da volta do marido, Flora, ao ouvir de Cristiano que esteve com saudades, esboça um doce “meu bem... esquecendo a saia curta e apertada”. (LISPECTOR, 2005, p. 30).

A narrativa “Eu e Jimmy” é apresentada por meio das lembranças da inominada narradora que inicia seu relato, afirmando que Jimmy a pegava pelo braço como íntimo e, mesmo que esse ato a contrariasse, aceitava-o porque “desde pequena tinha visto a predominância das ideias dos homens sobre a mulheres” (LISPECTOR, 2005, p. 17). E isso se confirmava quando ouvia a tia contar que antes de se casar, a mãe tinha pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas depois, veio o pai também com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. E então, a mãe passou a bordar, cantar no piano, fazer bolinhos e com as ideias próprias de que “a mulher deve seguir o marido, como a parte acessória segue a essencial” (Idem).

Essa exposição da narradora remete à questão das relações assimétricas de gênero de que, como afirmou Simone de Beauvoir (1980), a construção social da relação macho e fêmea começa na infância, e essa relação relega à mulher uma condição inferior, incapacitada, subalterna, subserviente. Porém, a ela é dada a possibilidade de tornar-se, portanto, mulher, pois a compreensão de qualquer projeto se dá no poder-ser, ou seja, um porvir. Eis o que se pode observar na inominada protagonista, pois embora tenha se acostumado ao primitivo equilíbrio social vivenciado por seus pais, o que também para Jimmy era convenientemente aceitável, diz ao namorado que “o primitivo equilíbrio tinha-se rompido e formara-se um novo com outra base” (LISPECTOR, 2005, p. 18). É claro que com essa afirmação da protagonista a acusação de ‘inconstância’ não passou



incólume, no entanto, ela já sabia que “não há mesmo nada a fazer senão viver” (Idem, p. 19).

Assim, nessas três narrativas apresentadas fazem-se presentes personagens que mesmo tendo sido relegadas ao primitivo equilíbrio social, voltam as costas a esse mundo

organizado pelo princípio do patriarcado e, dentro de si mesmas, atendem à própria intimidade, ou seja, ocupam-se de si mesmas. Essa atitude não é algo inerente à condição de ser homem ou ser mulher; torna-se homem ou tornar-se mulher; mas à condição de tornar-se humano, conforme a quarta narrativa de Clarice apresenta. “Cartas a Hermengardo” expõe o ser em possibilidade que só pode ser conseguido na existencialidade, mais ainda no ser enquanto presença, pois a compreensão do ser só é possível por meio do descortinamento compreensivo de algo em meio a um questionamento determinante que aparece nas narrativas de Clarice Lispector como o compromisso com a descoberta da verdade, que é a busca do: quem sou eu? Isso porque só é possível salvar o ser de sua facticidade existencial “pela consciência de que nós somos a única presença que não nos deixará até a morte” (LISPECTOR, 2005, p. 20).

Como “nada conheço que dê tanto direito a um homem como o fato dele estar vivendo” (LISPECTOR, 2005, p. 20), eis que a ‘Carta’ que Idalina escreve a ‘Hermengardo’ apresenta a verdade como corte efetivo no real, expondo, sem disfarces, o aberto das possibilidades do ser, já que, segundo Heidegger “o homem é o ente que, como tarefa, lhe é dado ser pela via da verdade” (p. 322). Essa verdade de que fala Heidegger é aquela capaz de proporcionar o desocultamento do ser, pois ele é o único ente chamado a apropriar-se de si que Idalina irá apresentar como o ‘lançar pedras’ ao questionar: “por que será mal lançar pedras, senão porque elas atingirão coisas tuas ou dos que sabem rir, adorar e comer?” (LISPECTOR, 2005, p. 21).

O questionamento exposto por Idalina é útil à análise das demais personagens aqui expostas: Luísa, Flora e a inominada namorada de Jimmy. Afinal, a verdade do ser é conseguida pela via do inescapável, ou seja, pelo lançar pedras, mesmo que depois as personagens ‘esqueçam’ o acontecimento que só pode ser conseguido se deixar que erija dentro de si “o monumento do Desejo Insatisfeito”

(LISPECTOR, 2005, p. 21), pois somente pela via do questionar "as coisas nunca morrerão antes que tu mesmo morras". (Idem).



Dessa forma, em todas essas narrativas, muito além de apresentar a subjugação feminina à condição de dependente de seu oposto, está a identificação de mulheres que demonstram uma insatisfação e incompletudes latentes em relação à situação em que se encontram. Logo, são narrativas que vão apresentando o tecido da descoberta das possibilidades humanas por meio da arte, afinal na arte acontece a revelação da verdade de algo que, nesse caso, é a verdade do ser, pois sua essência consiste em instalar um mundo no sentido de provocar uma abertura nova.

O que seria, então essa verdade? Ou melhor, o que é a verdade? Para Martin Heidegger a verdade deve ser pensada pela essência do verdadeiro, ou seja, pelo desocultamento do ser. Isso significa que a verdade pensada como adequação, como concordância entre pensamento e coisa, exige que exista um mostrar-se da coisa como tal. A concepção de verdade como correção ou adequação está gasta e não mais responde ao homem de hoje, pois os esfacelamentos e as superficialidades das relações humanas são também decorrência deste fato. O que dizer, então, das relações de gêneros movidas pelo patriarcalismo da conveniência?

Ademais, para que uma obra de arte possa ser compreendida ela não precisa ser colocada historicamente em um ambiente, pois ela é atemporal, ela abre e funda um mundo em cada época. Os quatro contos que estão na obra *Outros escritos*, de Clarice Lispector, por exemplo, foram escritos no século passado e revelaram questões inerentes à existência humana: a busca de uma identidade que resulta na compreensão de si mesmo. Séculos antes esse problema já existia; século depois, continua a existir. Isso mostra que na obra de arte está em operação o acontecer da verdade que se desvela na totalidade do ser em uma relação de atemporalidade.

CONSIDERAÇÕES

Tornar-Se Outros Escritos:
Clarice Lispector além da relação
ser-homem e ser-mulher
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,
p. 43-57, jan./jun. 2020
ISSN 2525-3441

Em suas narrativas, Clarice Lispector mostra que viver é unicamente aquilo a que se pode chegar. Assim, ao expor a



cotidiano de Ana, Laura, Luísa, Flora, da inominada namorada de Jimmy e de Idalina, a escritora mostra que nas narrativas há um lançar mão da experiência da dor para que aconteça o desnudamento das máscaras e das muletas que compõem o cotidiano, convocando o leitor a arder na chama da desconstrução. Uma desconstrução que inicia na contraposição da organização biológica acerca da função do homem e da mulher na sociedade, abrindo, com isso, um universo de possibilidades femininas e vai até às possibilidades do tornar-se que é inerente ao homem enquanto espécie humana. Nesse aspecto reside o caráter da verdade que emana dessas narrativas, pois, mais do que construções ficcionais é um movimento fenomenológico no qual o acontecer de cada personagem é resultado não de um artificialismo imaginário, mas de uma 'necessidade que um humano tem de tornar-se um ser humano'. O tornar-se humano está associado a esse ser que busca o que lhe é próprio, constituindo o tornar-se enquanto compreensão do humano do homem.

55

Em uma época em que a sociedade é marcada pela miséria, pelo cansaço de tudo, pela angústia, pela programação do sim; uma época em que aquilo que é organizado ao propriamente humano se perde em meio à multidão de facilidades ditadas pelos meios organizadores e facilitadores da própria vida; nessa época faz-se necessário, com urgência, o aprender e o morar. O aprender que se liga ao cuidar, proteger, amar; e o morar que se liga ao estar mais atento ao apelo do humano do homem que resulta da escuta da voz do ser. Tudo isso é possibilitado na poética de Clarice porque ela mostra personagens que ultrapassam a concepção mecanicista da realidade externa para além dos limites do sujeito individual, revelando que muito além da relação social que determina funções a serem desempenhadas pelos indivíduos está a relação que o ser precisa estabelecer consigo para que assim possa conquistar seu estar-no-mundo.

Nesse sentido, é possível perceber que a ficção de Clarice Lispector revela o grande embaraço do homem no existir face ao fato de ser e ter que ser. Isso porque o seu jogo estético une a sensibilidade e a inteligência de pensadora, de romancista, de contista, de artista, e faz desdobrar uma realidade, uma abertura de mundo que

seria impensada não fosse sua ousada literatura. É aí que reside a importância do dizer poético clariciano, por ajudar, com sua palavra, o ser aparecer, mostrar-se, sem obrigar que ele apareça, sem recorrer à força, pois é um revelar que acontece como um doar-se por meio da obra de arte.



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

_____. O segundo sexo: a experiência vivida. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b. FERRAZ, Antonio Máximo. Liberdade. In: Convite ao pensar. Organização de Manuel Antônio de Castro, et. al. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

HEIDEGGER, Martin. Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 1999. Parte (I e II).

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Organização de Tereza Montero e Lícia Manzo. – Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TAVARES, Renata. Humano. In: Convite ao pensar. Organização de Manuel Antônio de Castro, et. al. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

Recebido em 15 de março de 2020.

Aprovado em 07 de maio de 2020.

Becoming *Other Writings*: Clarice Lispector beyond the relationship being-man and being-woman

Abstract: From the phenomenologic al-hermeneutic contribution it is possible to understand that the literature of Clarice Lispector is not only about the art of word and silence, but a form of knowledge that reveals the being in a nakedness without concepts. Thus, this study will be based on the analysis of two short stories that make up the



book *Family Ties* (1998), namely "Love" and "The Imitation of the Rose" and the four unpublished short stories that make up the collection of *Other Writings* (2005) with the purpose of presenting, in these texts, the representation of an identity of woman that converges to the plane of the identity of the human being. This is because, in addition to outlining the role of women in society, these productions of the writer present themes such as existence and freedom, language and reality, the self and the world through a map of sensations that reveal subtle and imperceptible waves to a rationalization accustomed to the organization of the roles that beings need to develop socially. Thus, scholars like Martin Heidegger and Simone de Beauvoir will be indispensable to the proposed study, since the aspects about the dissatisfaction and the incompleteness of beings are present.

Keywords: Clarice Lispector. Existence. Become.